

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 26 DE MARÇO DE 1887

VOL. III-N. 117

REDACÇÃO E GERENCIA - RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expedients.....	J. NA EGYPITO.
Historia dos sete dias.....	C. MENDES
A memoria do corsão.....	A. MENDES.
Num dia de saúde, so- nho.....	V. MAGALHÃES.
Mysterios.....	S. PACHECO JUNIOR.
Jornaes e revistas.....	DUO.
Notas philologicas.....	O. BILAC.
Epocetos a lico de Ispis III—Paula Mex.....	U. DUARTE.
Conselhos, conselhos, so- nho.....	A. RIBEIRO.
Galeria de originaes I—J. J. de S. Silva.....	A. PIKOTO.
Notas philologicas.....	PASSEPARTOUT.
A borboleta, poesia.....	LOGNON.
Agui, sil, acóla.....	J. NINGUEM.
Festas, bailes e concertos de nossos escriptores.....	H. DE MAGALHÃES.
Paraiso terrestre, soneto. Theatros.....	P. TALMA.
Tratos á bois.....	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

CÓRTE	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000
PROVINCIAS	
Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Prevejimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar os suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, colleção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Drenx, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 58, 59, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Semana magra, talvez menos do que ou, mas com certeza tão magra como o Dr. Bulhões Carvalho.

Que se me perdõe este rasgo de modestia physica, e que se me não arranque a consoladora crença—illusoria talvez—de ser menos mogro do que aquelle illustre parlamentar.

Poucos factos occorrerem dignos da immensa honra e da excepcional fortuna de figurar nestas luminosas paginas.

D'essea mesmo nenhum houve de primeira qualidade, ou simplesmente de primeira, como costumam dizer os negociantes de carne secca para designar a qualidade da sua mercadoria.

Por falar em carne secca, derramarei desde já sentidos regatos de pranto amargo sobre o aviso com que o Sr. ministro do imperio, de accordo com o parecer do Conselho Superior de Saude Publica, em virtude de proposta feita pelo Sr. inspector geral de saude dos portos, ordenou que somente sejam embarcadas com destino ao Brazil as carnes do Rio da Prata tres mezes depois que o governo houver considerado extincta naquellas republicas a epidemia do cholera.

Eu não choro por mim. Não é que me não saiba a gaitas a carne secca sob a forma de bifes com ovos, ou picadinha com molho de tomates, ou mesmo preparada mais democraticamente: assada ao brazeiro com um pirãozinho bem adubado. Mas o demonio derranca-me o estomago, como se fosse uma sola de sapato.

Choro por todos os infelizes que se convenceram de que a carne secca é a mais barata; pelos que sem ella não podem passar e, principalmente, pelos escravizados de Serra-Abaixo, cujas taminas vão a ser reduzidas de modo deploravel, estando arriscados a se alimentarem somente com o triste agô de farinha de pau.

Que o Rio Grande venha salvar a situação, centuplicando o trabalho nas xarqueadas. Talvez que assim se possa evitar o subir a carne secca á altura de *foie gras* e que ella appareça com o *jambon d'York*, obrigado ao *champagne* dos *toasts* nos jaotares finos.

Pobre estomago o meu:—está ameaçado de receber a sua mortal inimiga, sob pena de faltar grosseiramente ás exigencias sagradas da etiqueta culinaria.

Enfim, antes ella do que o cholera.

Falou se muito durante a semana ao hypnotismo. O Dr. Erico Coelho curou um *beri-berico* por meio de varias applicações da *hypnotopathia* e o Dr. Eduardo França veio declarar ao *Paiz* que conseguiu com ella grandes melhoras em uma tuberculosa.

Vae lavrao do grande curiosidade no publico e vivo interesse na classe medica, sobretudo, entre os estudantes, por esta medicina, que eu chamaria nova se alguma novidade pudesse haver debaixo do sol.

Eu não tenho a petulancia de combatal-a, negando-lhe crédito, porque, felizmente, tenho o bom senso de só dizer: *E' impossivel* a cousas sobre cuja impossibilidade não possa ter duvida nenhuma.

Mas o que na sua pratica antevejo—antevejo que me faz tremer—é a invasão dos abusos e da má fé, os perigos da especulação e do charlatanismo.

Ha de se pretender curar com suggestões hypnoticas enfermidades e defeitos physicos incuraveis—como a pequenez de estatura, a grandeza das orelhas, as *sezões post mortem* e a burrice hereditaria.

O Varias já pedio o seu auxilio para se ver livre de um collo no dedo *mindinho* de pé esquerdo; o *Rialto* pedir-lhe-á mais algumas pollegadas de altura *José Telha* juizo para os seus *macaquinhos*, cada vez mais viciosos, o Chaves (Henrique) remedio contra o sestro de arrancar os pellos ao bigode, o *João Velhinho* que o faça remogar trinta annos—o que não será mnito,—*Filindá* um razoavel diminuição no tamanho dos pés; eu mesmo pedir-lhe-ei—quem sabe?—mais uns kilos de banha (digo isto para fazer crer que tenho alguns) de modo a poder dizer ao variado e avariado *Varias* que bacalhão de porta de venda é mais quem tal me chama.

Em summa:—a *hypnotopathia* pôde ser que metta num chinello a homeo, a allo, a electro, a *septi-pathia*, a dosimetria e a *hydroterapia* e todas as medicinas, mais ou menos *thias e piás*; mas se não houver mnito cuidadinho com o seu emprego trará como consequencia um prodigioso augmento de hospedes não só para os cemiterios—como as outras—mas tambem para o hospicio da Praia Vermelha.

Cuidado, pois, *hypnotopaths*, muito cuidadinho!

Immensos e angustiosos cuidadinhos deu á sua familia o joven *farcista* Francisco Xavier Peixoto: do Nascimento, que—

ainda tão proximo d'este—fez crer que se tinha dado a si proprio a morte, atirando-se de uma... já se sabe: de uma barca de *Niechroy*. Com as roupas e o *cabapu* deixou uma carta em que laconicamente declarava que na dar um mergulho no seio do Nada, atravez do seio do Oceano. Consternação na familia: lagrimas, luto, imprecações, lamentos, e talvez mesmo algumas missas pelo seu eterno repouso.

Dias depois—noticiam as folhas que o infeliz suicida fora encontrado... em Jacarapaguá!—trepado!!—em nma laranja!!—chupando laranjas!!!

A comedia do suicidio fóra arranjada, ao que parece, para fazer figura antes os olhos de uma *Julietta* enja mão pretendia. Mas o interessante é que foi o propria *Julietta* quem, apertada por um Sr. subdelegado, com ameaças e perguntas instantes, indicou a pista do preteoso suicida...

Naturalmente, amedrontada, deixou a pobresinha escapullir um involuntario *Jocaré*... e a perspicacia da auctoritario completou a descoberto, exclamando, victoriosa:—...*pagud!* Está filado o menino! Elá foi descobri-lo, romanticamente encarapitado na laranja em flôr... em flôr não: em fructo, misturando com o acridulcor do smno das laranjas o doce-amargo das lagrimas, abundantemente vertidas por «aquella ingrata.»

Como devia ser comica a volta d'esse patneco suicida ao seio do familia e soa olhos da sua bella!

—Que saudades, men amor, que martyrio!—exclamaria elle, aos seus pés, todo melurias.

—E que laranjas!—lhe responderia ella, cruelmente sarcastica.

Quando vi o desfecho d'aquelle suicidio de caçoada, julguei que teria de ler pouco depois a noticia de que o rapaz não se tendo suicidado—por amor—depois de semelhante episodio se suicidaria—de vergonha.

Fez, no entanto, muito bem o *Romensinho*. Aquillo foi uma vergonha; mas ora adeus! viva a galioha com a sua pevide e o *suicida* com as suas... laranjas!

E já que estou com a mão na massa dos suicidios, lembro uma interessante coincidencia. Poucos dias ha que deu a imprensa noticia de se haver suicidado em Vassouras um tabellião—enforcando-se.

Pois noticia ella agora que na Bahia suicidou-se tambem um tabellião—enforcando-se.

E' celebre:—nunca apparece a noticia de um crime ou de nma desgraça sem que seja logo de perto segnidada de outra desgraça ou crime de identica natureza.

E' que um mal nunca vem só. Oxalá acontecesse o mesmo com as

boas noticias, com os factos alegres e os actos bons!

A semana foi sinistramente illuminada, em seus ultimos dias, por um « pavoroso incendio », como disseram a *Gazeta* e *O Pniz*, adactricos, no caso, a velha terminologia jornalística, o que não escapou ao malicioso e irrequito bedelho do *Farias*. A estas horas ainda continúa, com intensidade muito menor, felizmente, o incendio do trapiche do Lazareto, na rua da Gamboa.

Imagine-se um grande deposito do uterinos inflammaveis onde havia quatro mil caixas de kerosena, fogos da China, naphtha, phosphoros e outras cousas tão explosivas com essas, incendiando-se com uma fagulha vinda não se sabe donde—se lançada pela mão adunca do Diabo se pelo dedo da Providencia—e poder-se-á fazer aproximada idéa do espectáculo medonho do trapiche do Lazareto na tarde de 22 do corrente e no dia seguinte.

Davam idéa de uma batalha longinqua os repetidos e tremendos estouros dos inflammaveis; rios de fogo corriam para o mar com grave perigo das casas adjacentes e sobre a superficie do Oceano fluctuavam ilhas de chamma!

Que tremenda desgraça, mas também qua bello espectáculo.

Infelizmente—houve nma morte a lamentar: a do antigo e considerado administrador do trapiche, José Dias Caldas que falleceu ante-hontem, victima das horribes queimaduras que recebeu. Tinha uma filha, o pobre homem! e por ella insistentemente chmava em meio das horribes torturas da sua agonia.

Os Srs. Belmiro Rodrigues & C. proprietarios do trapiche, devem ser louvados pela maneira altamente caridosos e nobre com que se portaram naquella tristissima emergencia, fazendo recolher o ferido a uma casa de saude, por sua conta e correndo com todas as despesas do enterramento do seu fiel empregado, requerendo a tutoria de sua filha e elevando ao dobro os vencimentos do empregado Modesto que arriscou a sua vida para salvar a de Caldas.

Portaram-se como homens de caracter e de coração.

Agora, que este lamentabilissimo facto sirva de exemplo para prova dos perigos que ha em se consentirem depositos de inflammaveis no centro da cidade.

Quo a Ilma. Camara Municipal leve a effeito o que já em tempos tentou—proibir absolutamente a existencia de taes depositos em pontos habitados d'esta capital.

Julgo que não será preciso segunda catastrophe para demonstrar a necessidade de tal medida.

O terceiro anniversario da libertação do Ceará foi hontem brilhantemente commemorado pela Confederação Abolicionista com um bello festival no *Polytheama*. O theatro estava repleto. Prova isto que a população d'esta cidade não se esqueceu aiada das grandes festas que ha tres annos a agitaram, na vibração do faustoso acontecimento que deu áquella briosa provincia lugar de honra entre suas irmãs.

Estas, infelizmente, não tiveram o necessario entusiasmo ou o necessario alento para imital-a.

Como que a gloriosa aguia da Abolição, que ia victoriosamente rasgando o céu da patria para a entrada do sol da Liberdade, adormeceu, repetidamente,

entre as nuvens. Reinam o desanimo. a apathia. a desesperança.

Como quo ae espera que venha do céu ou que suba da terra alguém que n desperte para que ella termine a sua trajetoria sublime.

Emquanto so espera por isso, para nos distrahirnos, vamos lendo a *pittoresca* narrativa dos supplicios inflingidos com a doce collaboração do *bacalháu* do tronco e da torquez aos desgraçados que commetteram o nefando crime de se não pertencerem, de terem sido comprados pelos seus irmãos.

E' uma distracção como outra qualquer...

JOSÉ DO EGYPTO.

Sobre a *Lyrica* do nosso companheiro Filinto de Almeida escreveu o *Diario Mercantil* de 29 do corrente o seguinte:

« Filinto de Almeida, que é, inquestionavelmente, um dos melhores poetas modernos de Portugal e Brazil, trouxe-nos hontem um exemplar do seu livro de versos, singela e desprezenciosamente intitulado *Lyrica*.

Conhecendo quasi todas as composições que contem, por havel-as lido e reilho em jornaes e revistas, poderiamos emitir já o nosso desautorizado juizo sobre o precioso volume; desejando, porém, dar á nossa apreciação maiores porporções que as de uma noticia, pateátear e justificar o alto apreço que temos pelo talento poetico de Filinto de Almeida, cujos cantares suaves, espontaneos, limpídos, despidos de artificios, como tanto irreprensivelmente artisticos, nos deliciaem, nos deixam n'alma uma impressão dulcissima; desejando falar do poeta e da sua obra, expandindo a entusiastica admiração que sentimos por ambos, limitamo-nos hoje a agradecer a amabilissima offerta e a recomendar a *Lyrica* a todos os amatees da boa poesia.

Livros de versos como o de Filinto de Almeida apparecem de longe em longe n'uma litteratura, e nós não sabemos se, depois das *Flores do campo*, de João de Deus, já saliu dos préios brazileiros e portuguezes livro congener de mais valia que a *Lyrica*...

Aguardamos ansiosamente a auctorisada apreciação do nosso collega.

## A MEMORIA DO CORAÇÃO

(TRADUCÇÃO DE R. PORCIUNCULA)

Era consternador o estado de todo o reino! O joven monarcha, desde que ficara viuvo, não se importava mais com os negocios do Estado e passava dias e noites chorando diante do retrato da sua querida morta.

Fora elle proprio que o fizera; aprendera a pintar expressamente para esse fim, porque nada ha de mais cruel para um amante, ou esposo verdadeiramente apaixonado, que deixar a um outro o cuidado de reproduzir na tela ou no marmore a belleza da bem amada. Os artistas têm modos de olhar tão de perto os seus modelos que não poderiam agradar a um ciumento; não passam tudo que viram para a tela: deve-lhes sempre ficar alguma cousa nos olhos e tambem no coração. Era esse retrato agora toda a consolação do moço rei; ao vê-lo não podia conter as lagrimas, mas não trocaria por sorrisos de felicidade toda a anargura do seu pranto.

Debalde os seus ministros lhe vinham dizer: « Senhor, recebemos noticias inquietadoras: o novo rei de Ormuz levantou um exercito innumeravel para invadir os vossos estados. » Fingia não os escutar, sempre com o olhar detido sobre a imagem adorada. Um dia zangou-se deveras e por pouco não matou um dos seus camaristas que se atreveu a insinuar que as mais legitimas dores não deviam ser eternas, e que o seu amaria bem pensando em se casar com alguma moça e que ou fosse ella sobrinha de imperador ou filha de camponez,

isso era indifferente. « Moastrol exclamou o inconsolavel viuvo, atreves-te a dar-me um conselho tão infame? Queres que eu seja infel a mais amavel das rainhas? Sae da minha vista ou morrerás ás minhas mãos. Mas antes de sahires, ouve, e repete-o a todos, que nunca mulher alguma se assentará commigo no throno ou dormirá no meu leito, a menos que não seja exactamente semelhante áquella que perdi! »

Bem sabia elle que assim fallando do modo ninguem se compromettia. Tal como ella revivia no seu quadro de ouro, — ali morta, contudo—a rainha era tão perfeitamente bella que, em toda a terra, nenhuma seria encontrada que se lho egualasse. Morena, longos cabellos macios, que lhe cahiam pelas espaldas como ebano liquido, testa elevada, marfia cor de ambar, olhos profundos, cheios do negrume da noite, a boca larga mentelberta por um sorriso onde luziam todos os dentes, ella desafiava comparações. Mesmo uma princeza que tivesse recebido no berço os mais preciosos dotes de todas as boas fadas não poderia ter tão bellos cabellos sombrios, olhos de tão profundo castanho, nem aquella fronte, nem aquella bocca.

II

Muitos mezes se passaram, mais do um anno, sem trazerem alguma feliz mudanca a esse triste estado de cousas. De Ormuz chegavam noticiaa cada vez mais alarmantes, e o rei não se dignava de prestar attenção ao perigo arcedante. E' verdade que os ministros arrecadavam os impostos em seu nome, mas como elles guardavam o dinheiro em vez de equipar soldados, o paiz não deixaria de ser devastado, depois de ter pago para o não ser. De sorte que havia durante todo o dia defronte do palacio grupos que vinham supplicar e queixar-se.

O amanto da morta não sahia da sua melancolia; só dava attenção ao encanto silencioso do retrato da sua adorada morta.

Entretanto, d'uma vez, á hora em que a aurora tinge de azul e rosa os vidros, voltou-se para a janella, ouvido uma canção que passava, uma linda canção aguda e delicada, matinal e fresca como um canto de cotovia. Deu alguns passos, perplexo, collou a fronte á vidraça e olhou. A custo conteve um grito de contentamento! nada vira jámais tão cheio de encantos como essa pastorinha levando a pascor o seu rebanho de carneiros.

Era loira, tão loira quobem se podia dizer que eram os seus cabellos que doiravam o sol e não o sol que doirava os seus cabellos. Tinha a testa curta e corada como as rosas de pouco desabrochadas, olhos claros, da claridade da aurora, e a sua bocca era tão pequenina que, mesmo aberta pela canção ou pelo riso, deixava entrever apenas cinco ou seis diminutas perolas.

Porém o rei, por mais fascinado que tivesse ficado, furtou-se á vista de semelhante espectáculo, e, pondo a mão sobre os olhos fechados e muito envergonhado por tel-os um instante desviado da bella morta, voltou para o retrato, ajoelhou-se, e, chorando de magua e de delicia, não se recordava absolutamente mais que uma pastora tivesse passado, cantando debaixo das suas janellas. « Ah! bem certa estás, balbuciava elle, que o meu coração enlutado só a ti pertence para sempre, pois não pode existir mulher que se te compare; e seria preciso, para que eu fizesse rainha outra mulher, que de um espelho, onde, se tivesse tornado eterna a tua imagem, sahisses viva! »

III

Ora no dia seguinte, ao admirar o retrato da morta, teve elle uma penosa surpresa. Pensou e lá consigo disse:

— Eis uma cousa singular. Esta sala é humida, ao que parece; o ar que aqui se respira é nocivo ás pinturas; porque, emfim, recorde-me perfeitamente que os cabellos da minha rainha não eram tão escuros quanto os vejo. Não, de certo, não tinham esta negrura de ebano liquido. Lembro-me que por aqui e por alli havia manchas cor de aurora e não cor da noite.

Pediu pinceis e palheta e corrigiu rapidamente o retrato que a hualidade havia estragado.

— Ora graças, cá está a leve cabelleira de ouro que tão extremosamente amei e que amarei sempre.

E, cheio de amarga alogria, renovou, do joelhos diante da imagem, agora semelhante ao quorido modelo, os seus protestos de uma eterna constancia.

Mas, com franqueza, algum genio não certamente se divertia com elle: tres dias depois foi obrigado a reconhecer novamente que o retrato tinha soffrido notaveis alterações.

(Que significava aquillo? Porque motivo aquella fronte, de marfim cor de ambar, era tão larga? Graças a Deus que elle tinha boa memoria, e estava certo que a rainha tinha testa estreita, corada e freaca como as rosas de pouco desabrochadas. Com alguns pinceis desceu a cabelleira doirada, corou a fronte de rosado claro, o sentiú-se com o coração repleto de uma infinita ternura pelo quadro restaurado.)

Foi peor ainda o dia seguinte. Era evidente que os olhos e a boca do retrato tinham sido mudados por alguma vontade mysterica ou por algum accidente. Nunca a sua bem amada tivera aquellas pupillae sombrias, da cor da noite, nem aquella boca tão aberta que lhe mostrava quasi todos os dentes. Ah! muito ao contrario, o matinal azul do céu, onde voa cantando a cotovia, não egualava em suavidade o azul dos olhos com que ella olhava o seu amigo, e quanto áquella boca, ella era tão pequenina e estreita que, mesmo aberta por uma canção ou por um beijo, mal deixava ver algumas perolasinhas.

O moço rei sentiú-se preso de violenta colera contra esse retrato absurdo, que contradizia tantas recordações queridas! Se tivesse em seu poder o exercavel feiticeiro a quem eram devidas aquellas transformações,—porque havia ali com certeza, algum encanto,—vingar-se-ia d'elle de modo terrivel. Por pouco que desprezaria e calcaria aos pés a mentirosa imagem! Acalmou-se, no entanto, pensando que o mal não era irremediavel. Metteu mãos á obra; pintava de accordo com as suas heis recordações, e, algumas horas depois, houve sobre a tela uma jovem mulher de olhos azues como longinqua aurora, de bocca tão pequena que, se fosse flor, apenas alli caberiam duas ou tres gottas de orvalho. E, cheio de doloroso transporte, olhava a sua rainha.

— E' ella! E' ella propria! suspirava elle.

Tanto assim que não teve a mear. objecção a fazer no dia em que o camarista, que tinha o costume de olhar pelo burace das fechaduras, o aconselhava a tomar por esposa uma pastorinha que passava cantando, todas as manhãs, defronte do palacio; porque ella era em tudo parecida—um pouco mais bella talvez—com o retrato da bella rainha.

CATULLE MENDES.

## MYSTERIOS

O LIVRE ARBITRIO E O HYPNOTISMO

Ha pessoas que se cemprazem, que se divertem mesmo com vizitar um hospicio de alienadoa. Eu nunca tive essa coragem. Estive um dia para fazer-o, levado pela curiosidade louzavel e san do estudo. Maa recuei, horrorizado, á porta.

Agarrados, com as mãos crispadas, aos barrotes de ferro das janellas, estavam alguns doidos. Um d'elles, de longas barbas grisalhas e cadellos revoltos, fitava em mim fixa, desvairadamente os grandes olhos chispaetes e gorgolejava sons deacnnoxos, horripilantes. Outro, ainda moço, ria perdidamente, á gargalhada, com uma enorme alegria inconsciente, enquanto eu ouvia, dentro, um canto de mulher, um canto arrastado, tristissimo, pungente. Desisti do intento, e por muito tempo tive nos olhos a imagem d'aquelles homens e noe ouvidoz aquella voz lamentosa de mulher, que felizmente não vi.

Á visita a uma enxovia produz-me quaei a mesma impressão.

O criminoso e o doido são os mais

lamentáveis e desgraçados enfermos, porque as doenças da intelligencia o do moral são as mais commovedoras e graves. Uma vez perdidas, a integridade do espirito e a da consciencia, não mais ou mui difficilmente se recuperam.

As outras enfermidades, as propriamente *physicas*—o digo assim porque os órgãos da razão e do senso moral são tão mysteriosos e complexos que quasi escapam as sciencias medicas—compungem pela aspecção dos estragos corporcos, pelas miserias pathologicas. O doido e o assassino podem ter excelente o estado geral, boa apparencia, bellas côres; podem ser fortes e bem dispostos; no entanto são homens inteiramente inutilizados, inutilizados para as suas proprias pessoa como para todas as outras, perdidos para a familia e para a sociedade.

Sei muito bem que esta theoria de considerar uma doenca o crime encontra ainda, apesar dos lucidissimos trabalhos dos Maudsley e Lombroso, valente opposição da parte do vulgo o mesmo dos homens de sciencia. Domina ainda a idéa do *castigo*. Está ainda por fundar-se a *medicina criminal*.

Entretanto, quasi diariamente, apparecem factos que demonstram que pouco vale o famoso e debatidissimo *livre arbitrio*, a celeberrima *liberdade humana*. Está mais que provado ser o homem um misero escravo de mil *senhores*: do seu temperamento, da sua educação, do meio physico, moral e social em que vivo; escravo dos preconceitos e abusos do seu tempo, escravo das idéas e da vontade dos outros homens, escravo da Natureza, escravo de mil circunstancias innotáveis, escravo da fatalidade das cousas, dessa fatalidade que foi chamada *acaso* ou que a sciencia estudou e explicou, aem contudo denomina-a ainda precisamente.

Todos esses elementos, varios, subltis, indeterminaveis, obrigam o homem a agir, dando-lhe, contudo, a mesma liberdade de acção que os prestimios dão ao individuo a quem pedem que escolha uma carta *qualquer* das que lhe apresenta:—o individuo olha para as cartas dispostas em leque na mão do prestimio silencioso e aponta para uma ao acaso, *livremente*... E, no entanto, escolheu precisamente a carta que o prestidigitador queria, a *única* que lhe convinha fosse escolhida! Chamou-se a osse *passo forçar a carta*. Sendo bem feito, não falla quasi nunca.

Já não é Deus que, com a sua omni-scencia e a sua universal presciencia, se oppõe á liberdade da vontade humana—como se pretendia e se argumentava na velha philosophia escolastica.

Os entraves e restricções ao livre arbitrio são oppostos pelo mundo inteiro, pelas cousas como pelos homens, inclusive o proprio individuo.

Essa pretendida liberdade, impossivel em absoluto, só pode ser mais ou menos garantida pelo mais ou menos perfeito equilibrio das faculdades mentaes com o senso moral, pela formação do caracter sob a influencia de uma educação sciuntífica, e pela felicidade do individuo, quer dizer: pelo fortuito desencontre com as circunstancias prejudiciaes.

Hoje pensamos de tal modo e queremos tal coisa; amanhã pensamos de modo inteiramente diverso e queremos a coisa absolutamente opposta.

— Mas semelhante doutrina traz como cousa consequencia a impunidade; ar-

rasa a responsabilidade pessoal; ahrôga a imputabilidade moral!—objecta-se.

Praticamente é ocioso discutir este ponto. Contentemo-nos com verificar e registrar os factos e prove-os de remedio, além de, como hygienistas acoias, procurar evital-os tanto quanto possível.

A sciencia é poderosa; o que não impede que tenha por fundo a impotencia. Que é a *Philosophia Positiva* senão uma confissão da invalidade da sciencia, trancando-lhe o estudo das causas primarias e das causas finais, isto é: d'aquillo que *unicamente* interessa ao philosopho—relegando-as em banimento eterno para as regiões imperlustraveis do Incognoscivel?

Mas não recuo, pela minha parte, deante da consequencia logica dos principios estabelecidos. E respondo—sim, verdadeiramente, o homem não é responsavel, senão em mui pequena parte, pelos seus actos; e rigorosamente não tem imputabilidade moral, por não lhe ser possível obrar com perfeita liberdade de volição.

Isto porém não implica a impunidade.

Castigam-se de varios modos as crianças, os mentecaptos e os animaes irracionais; não *porque* taes seres vivos não devam praticar taes actos prejudiciaes ou inconvenientes, não como *castigo* de haverem pensado ou querido o mal, mas *para que* não continham a pratical-o; não como *vingança* dos actos nocivos, anteriormente feitos, mas como *correcção* para prevenir novos actos maleficos.

O mundo é abundante d'estas tristes realidades. A vida alimenta-se da morte. O lucro de uns é feito da perda de outros.

Das dores d'aquelles gera-se a alegria d'estes.

O hydrophobo não tem culpa de haver danuado nem consciencia do mal que faz mordendo. E, contudo, antes de Pasteur, matava-se o homem victima da raiva como se matavam os cães. Horrirel necessidade!

Mas,—voltando ao ponto do livre arbitrio, objecta-se ainda, e com aparente vantagem, que nos ebrios, nos alienados, nas crianças ha, embora limitada e intermitente, a consciencia do bem e do mal, e d'ahi—a imputabilidade, a responsabilidade e, consequentemente, a punibilidade.

Não quero repetir que o erro está na idéa de *punição*, que não se deve *castigar*, mas sim *curar, corrigir, educar, prevenir* a continuação do mal, consciente ou inconsciente, imputavel ou não. Faço mais, quero coisa melhor. Vou mostrar o que vale o livre arbitrio de um individuo nas melhores condições sanitarias, senhor de sua razão, conscio do bem como do mal.

Francisque Sarcey, o illustrado escriptor que todo o mundo conhece, que é o bom senso em pessoa, escreveu recentemente acerca da *sugestão hypnotica* por meio do *somno provocado* o que se vai ler:

« Um medico, o Dr. Liébeault, deu incremento a estes estudos. Durante longos annos, tem feito, em meio da indifferença do publico e das pilherias dos seus collegas, um numero infinito de experiencias, praticadas em innumeros individuos, que elle, aliás, não escolhia, que lhe eram levados pelo acaso da clinica.

« Tornou-se tão consideravel o numero dos casos estudados por elle, e as experiencias tão variadas e conclun-

dentas que elle acabou por atrahir a attenção por despertar a curiosidade e impôr o respeito.

« Confrades mais moços entraram a acompanhá-lo nos seus estudos, tanto em Nancy como em Paris e em outras grandes cidades. D'entre estes é facil citar alguns a cujos nomes o mais rebelde scepticismo teria de render-se, por exemplo—os Srs. Bernheim, Voisin, Liégeois, Barot, Netter, Bérillon.

« Todos estes renovaram as experiencias do veneravel Sr. Liébeault, variando-as de cem modos; todos publicam o resultado de suas experiencias.

« E hoje ahi temos um monte consideravel de factos, extraordinarios e menos explicaveis uns do que outros, porém todos *reales*, indiscutíveis. Entre estes os que dizem respeito ao que hoje se chama—a *sugestão hypnotica* são seguramente os que mais perturbam e destroem as noções até hoje admittidas acerca da alma humana.

« Adormece-se uma pessoa e suggerese-lhe a idéa de praticar certo acto, e a dicta pessoa pratica o acto suggerido. Compreende-se até certo ponto que uma pessoa adormecida de somno somnambulico levante um braço, coma ou beba, quando se lh'o ordena, que seja uma especie de machina nas mãos do operador. Mas é que não é só isso. A *sugestão* não se limita a isso. Suggeste-se ao individuo a idéa de fazerem tal dia, a tal hora, em tal lugar, certo acto dos que menos estejam nos habitos do hypnotizado. Acordam-o: não se lembra de nada; e no dia, hora e lugar prescriptos, elle sente-se impellido por uma força obscura, imperiosa, irresistivel, a fazer o acto suggerido. Todavia, elle está acordado: tem ou julga ter a inteira posse do seu eu; elle é, pela definição philosophica, uma creatura livre; e, no entanto, a sua vontade está tão annullada que elle obedece a uma força invisivel e superior, a uma voz interior que o arrasta invencivelmente ao acto suggerido.

« Não se diga que isso não é verdade por ser impossivel. Sabemos nós por ventura o que é o que não é possível? O que consideramos *impossivel* é tudo o que se affasta das leis naturaes que conhecemos e que as ultrapassa. Mas ainda nos resta conhecer muitas leis e nada ou quasi nada sabemos ninda sobre a organização do homem.

Na *Revista do Hypnotismo* (rua Vieille du Temple, n. 12) vêm narrados casos estupendos de *sugestão hypnotica*, obtidos na clinica dos Drs. Liébeault, Bernheim e Voisin. Por exemplo: fez-se adormecer uma criança vadia, preguiçosa ou de caracter violento. Suggeste-se-lhe, no *somno provocado* que fosse durante certo numero de dias—applicada, diligente ou bondosa. E a criança nos dias determinados, obedeceu á *sugestão*. Por esta forma, amudando as *sugestões* deste genero e entrando aos poucos os actos suggeridos nos habitos das crianças, tornaram-se ellas inteiramente applicadas, estudiosas, boas. Na Salpetrie conseguiu por esse meio o Dr. Voisin transformar uma repugnante mulher, compendio de vicios e maldades, em uma laboriosa e bem comportada obreira, que hoje é em um grande estabelecimento pariziense.

O Dr. Bernheim consegue resultados ainda mais maravilhosos. Tem suggerido por varias vezes, a mulheres, algumas da melhor sociedade, a idéa de um assassinato, ordenando-lhes que o realizem com o auxilio de uma faca de cortar papel, como se fora um punhal, e, uma

vez acordadas, ellas vão fatalmente matar, com a dicta inoffensiva faca, a pessoa indicada!

Uma vez, suggerio a uma cliente, que assignasse umas tantas letras de cambio em proveito d'elle, e a cliente, em pessoa, perfeitamente acordada, levou as letras, assignadas por ella, ao seu notario, que já havia sido prevenido convenientemente pelo doutor.

Agora, façam o favor de dizer-me que vale a tal famosa liberdade humana?

Resta-lhes por em duvida a verdade dos factos narrados, cuja inverosimillhança sou o primeiro a reconhecer. Que lhes responda Sarcey: « Os factos de *sugestão*, presentemente, são tão numerosos, têm sido tantas vezes reproduzidos, e sob tantas formas e sobre tantas pessoas, que não ha meio de se lhes contestar a authenticidade. E' forcoso admittil-os, por mais singulares que pareçam. »

Ora, digam-me, depois d'isto, quantas e quão poderosas *sugestões* maleficas não recebe a gente lurrante o dia, perfeitamente acordada, e muitas vezes da parte dos seus melhores amigos?

Inexplicavel e desgraçado animal que é o homem!

VALENTIM MAGALHÃES.

## NUM DIA DE SAUDE

Oh! pomba que ahí vais, d'azas ricas abertas,  
Quando a vres do azul, de brinde ultr' magoado,  
Diz-lhe de mim saudoso estas noticias certas  
— Que eu morro por não ver-a e sou desventurado.

Se ouvisses minha voz do infinito azulado,  
Das plagas onde estas, d'onde agora devrias  
Tu virrias ta' vez—plumea correo alado,  
Suas cartas trazer — de brando olbr cobertas.

Mas até do casebre alegre onde ella mora,  
Se vir-te o seu olhar, que tanta gente adora,  
Não sabe ella sequer do meu viver penoso,

Não sabe que no terra onde me és tan triste,  
Eu vendo-te passar, branca pomba, me viste  
Dos saudosos mariaes o mortal mais saudoso.

ARTHUR MENDES.

Volta Redonda, 2 de Março de 1887.

## JORNAL E REVISTAS

Está delicioso ou... 438 da *Revista Illustrada*. O lapis de Angelo Agostini faz diabruras tratando com muito espirito e graça a convalescência de Sua Magestade, das aventuras de *Zé Caipora*, do *Cremio de Letras* e da interessante troca de *amabilidades* que tem havido entre dous jornaes diarios.

No texto, que é caprichosamente elaborado, apparece, entre outros, um artigo *Ex-Politica*, de Julio Verim.

Arthur Azevedo, em consequencia de razoes particulares, que prometeu explicar hoje ao publico, desligou-se do *Diario de Noticias*, passando-se com o seu apreciado *patanque* para o jornal *Noitadas*.

Parahens a este; pezames a quem.

São importantissimos os ultimos numeros da *Gazeta Juridica*, precioso repositório de doutrina juridica e legislação, e, como os anteriores, honram a capacidade do fundador e director desta publicação que é das melhores do genero.

NOTAS PHILOLOGICAS

Li as *notas philologicas* publicadas neste sempre interessante semanario pelo Sr. João Ribeiro.

De feito, as palavras de emprego vulgarissimo são as que tambem mais depressa se gastam: — bello, grande, cento, senhor, dono, frade... contrahiram-se regularmente em *bel, grão, cem, seu, nhô, dom, frei...*

Não há fugir ás fricções do tempo e aos seus inevitaveis detrimientos.

Essa tendencia para o atrophiamento dos vocabulos dit-se outrossim com os nomes proprios — *Zé, Meu, Chico, Ruy, Vaz...* e estende-se neadamente ás locuções, cujos elementos juxtapostos fundem-se por fim, constituindo um simples signal unitario: — *capicollito, etc...* E a lei do menor esforço.

— *Biz*, porém, o nosso philologo, e aqui é que hate o ponto, — «os espiritos anti-acieaticos consideram malavisadamente como erro as formas *mal raio* e *mal criação*, pois que a forma *mal*, ainda hoje viva no castelhano, é contracta do antigo adj. *malto*, e é analogá á forma *bel* ainda na expressão *a bel prazer*.» «E' pois ignorancia ou abusiva insubordinação aos factos da linguagem — accrescenta S. S. — o emprego das locuções *má criação, má raio.*»

Peço licença ao meu illustre collega para já d'aqui ue ir alistando no tal batalhão de boças ou de refractarios aos acrobatisms etymologicos.

Não vá porém sem justificação a minha discordancia.

*Malto* era adj., e forma divergente de *mão*. Só delle conservamos vestigio na expressão popular — *comprar a olho, alto e malo*, e no celebre heroe dos contos infantis — *Pedro Malas Artes*.

Havia, porém, desde as primeiras epochas da lingua, o adverbio *mal* — apenas, não bem, imperfeitamente, a vulto, etc. (\*) Esta particula é ainda elemento de derivação popular, e entrou na formação de *maldiciado*, donde *maldicição*, como tambem na de *mal inclinado, mal intencionado, mal encarado, humorado, — agradecido, — enjorgado, etc...* Dizemos, é certo, — *bem criado*; mas — *boa criação*, e ainda *má inclinação, má intenção*, etc.

Cp. — *mal grado* e *mão grado*, a *mal meu grado*, a *mal do meu grado*, *mal a meu grado*, a *meu mal grado* e *mão meu grado* e *mão grado* meu. Idem *grato* e *grado*, *amhos* — lat. *adj.* — *gratus*.

Porquo devemos pois condemnar *má criação*, sob pena de perdemos os nosos direitos a modestissima classificacão entro os philologos snalternos?

Não encontrei nas minhas exhumações philologicas a forma *mala criação*; mas quando com ella já tivesse topado de olhos, não era isso razão hastante para mudar de opiniao.

Supponhamos todavia ser essa a verdadeira origem; acreditemos que *mal criação* não é um desses disparates aleitados pela ignorancia popular. Que importa?

*Malo* perdeu-se na voragem do archaismo; a sua forma contracta *mal* confundiu-se com o adverbio *homographo* e *homophoneo*; o pseudo *solocismo* escorchava o tympano dos *anti-scientificos*; substituiram a expressão *mal criação* por outra de muito hom cubo portuguez, e de creação analogica — *má criação*, a qual vae levando de vencida a sua concurrente.

(\*) *facto* não é novo em linguistica, nem extraordinario aos que estudam a mobilidade do lexico.

Corra S. S. a lista de todos os adjectivos formados com a particula *mal*; encontrará sempre o substantivo correspondente formado com o adj. *má*:

- malfallante      más fallas.
- fazejo          má acção, máo feito.
- agasalhado    máo agasalho.
- acondicionado má condição.
- humorado      máos humores.
- etc.,              etc.

Diziam tambem os antigos *malaventura* e *malentradá*; mas hoje só se empregam as formas analogicas *má ventura* (desde o sec. XVI) e *má entrada*. Aqui o

(\*) Nota-se que a forma neutra do adj. *malto* let era empregada tambem pelo adv. *malto* (como em port. *certo, raro* &c.)

l mais representa letra de interrelação euphonica do que detrito etymologic.

Em *malascaras* e *malastancia* é que mais nos pareceria o primeiro elemento derivado do adj. archaico do que em *maldicição*.

*Maldiciencia, malefico, malfeitor, malevolencia, malicia, maldição...* são todas de origem latina, em recta deacendencia, e estão por consequencia fóra da questão.

Em *maldição*, p. ex. (Int. *maldictionem*), o portó perdeu a noção do 2º elemento, que coaserva viva em *maldicição*.

*Malfeitoria* deriva de *malfeitor; maldade* é forma concurrente de *malignidade* (lat. *malignitatem*).

Estendo pois — fim de razões — que podemos e devemos dizer *má criação*, sem receio de que nos qualifiquem de iguorantes, ainda quando se nos proveve houve a forma completa *MAIA criação*.

Quando n *malraio*, sim, era essa a forma da velha e energica praga portugueza. Todavia os nossos sertanejos (feitores de eito, cangalheiros, etc.) dizem *mão raio te parta*, ao passo que os portuguezes (é claro que só me refiro aos bolonios e analfabetos), transformam corrosivamente a imprecação em *má raio te parta*.

No dobrar dos annos é possível que algum etymologo allemão, desentranhando do vocabulario popular portuguez a carcomida expressão imprecativa, declare, no aprumo da petulancia scientifica, que no sec. XVI, *raio* era do genero feminino.

Em remate. As *Notas philologicas* tem mercimento, como todos os escriptos do Sr. João Ribeiro, a quem envio um aperto de mão, fazendo votos para que não se lhe peguem os vicios redhibitorios de alguns dos nosos grammaticos, que, não obstante, inculam-se patratamente philologos da gemma e cheios de desejos proflicadores.

PACHECO JUNIOR

ESBOCETOS A BICO DE LAPIS

III

PAULA NEY

Extraordinario rapaz.

Digno de figurar em uma galeria das aossas notabilidades, não pelo que tem feito, mas pelo que seria capaz de fazer.

Quem apenas superficialmente conhece o Paula Ney, reputa-o um mero trocista, amante do estardalhaço palavroso e da estroinice dearegrada.

Ignora que dentro d'aquella natureza inquieta e extranho fulgor um talento tão origioal que toca ás raizas da singularidade.

Singular, inimitavel, unico — o Ney!

Emquanto todos aós, que fazemos profissão de ter espirito, para vendel-o aos leitores, nos consumimos para achar um conceito engenhoso ou uma boa pilheria, o Ney despande com prodigalidade de gran-senhor carradas e carradas de idéias as mais imprevistas, as mais origiaaes, engenhosas, brilhantes, profundas e engraçadas.

Não exageramos: appellamos para quentos tenham com elle um contacto frequente.

A sua fertilidade é inexgotavel, e raras vezes se repete.

Sabe jogar a *blague* como nenhum outro.

Quando um acontecimento qualquer preoccupa a attenção publica, é sempre o Ney quem inventa — entre dois *bocks* e o fumo do cigarro — a phrase de effeito que lhe imprime o *cachet*, phrase estupefaciente, phenomeaal, abazadabrante, inacreditavel, relampagante, arrancacourocachellifera, mas no fuado eloquente e justo.

Se elle *canalizasse* em proveito proprio as raras aptidões de que é dotado, futuro brilhante o aguardaria. Mas aão. O Ney é um bohemio gonial, para quem o dia de amaaã não passa de uma figura de rhetorica.

Novo Mazeppa, elle é arrastado a ignotas regiões pelo corcel indomavel da sua phantasia, imprecando o Destino com estrepitosas gargalhadas e aauadndo as estrellas com enthusiasmo hilariante.

DUO.

CONSELHOS .. CONSELHOS...

Não têm faltado boccas de serpentes (D'essas que amam falar de todo o mundo E a todo mundo ferem maldizentes) Que digam: — « Mata o teu amor profundo!

« Abafa-o, que teus passos imprudentes « Vão te levando a um pelago sem fundo: « Vaes te perder! » — E, arreganhando os dentes, Movem para teu lado o olbar immundo:

« Se ella é tão pobre, se não tem belleza, « Irás deixar a gloria desprezada « E os prazeres perdidos por tão pouco?

« Pensa mais no futuro e na riqueza!... » E eu penso que afinal... Não penso em nada: Penso apenas que te amo como um louco!

OLAVO BILAC.

GALERIA DE ORIGINAES

I

JOÃO JOSÉ DE SOUZA E SILVA

Que um homem se chame João — *vade!* Que em seguida ao João venha um — « José » — *traseat!*

Mas que depois do José appareça um — Souza — já insupportavel se vae tornando.

Agora, se na frente do « João José de Souza » lemos um *Silva*, um d'essees — *Silvas* idiotas, inexpressivos e triviaaes, que entram na cauda do sobrenome de todos os cocheiros de bond passados, presentes e futuros — a'cate caso a cousa chega á cathogoria de nm cumulo.

João José de Souza e Silva!

Mas é preferivel que um homem não se chame cousa nenhuma a ter um nome d'estea!

João José de Souza e Silva, na esthetica da onomastica, representa a suprema expressão do sedio, do chato, do vulgar, do commum, do banal!

Pois bem, leitor, eu vou dizer-te uma cousa que te ha de assombrar: João José de Souza e Silva é o homem mais feliz do mundo!

Heim?

Sim, senhor, João José de Souza e Silva é o homem mais feliz do mundo.

— Está brincando commigo?

— Não estou, homem. Ouvelá.

João José de Souza e Silva é magro, é peqneao, é inaignificante. Trinta annos de idade.

Phyaionomia commum, modos timidos; meio taciturno, meio descoafado. Solteiro, praticante de aecretaria d'Estado; vive com a mãe, nma septnagenaria muito boasinha e affavel.

Ganha \$34333 por mez. A velhiala

recebe 21,600 do montepio dos servidores do Estado.

João é modesto e retrabido por indole. Joás é bondoso e tímido por natureza.

Souza é benevolente e amavel por vocação.

Silva é humilde; generoso, seasato e conciliador, porque seu pae tambem o era!

João José de Souza e Silva é um anjo.

O' bonheur, ou vas-tu te nicher?

Aqui onde o Sr. a está vendo.

Oh! soberanos omnipotentes, oh! grandea conquistadores, oh! sabios, poetas, philosophos, argentarios namorados com ventura, ministros, d'Estado, senadores, jogadores felizes, fumadores de haclusch, grandes viciaionarios, — sumi-vos todos, porque n felicidade que fruis não é comparavel á felicidade de que goza o J. J. S. S.

E sabeis de onde provem tanta ventura?

Da clarineta.

O Jójoca (assim o appellida a sua mãe — que tambem se chama D. Joanna Josepha de Souza e Silva) tem fuma paixão doida pela a clarineta.

Todas as ambições do Jójoca resumem-se na clarineta. Vive da clarineta pela clarineta, para a clarineta.

Deixo aos philosophos o meditar sobre o facto; mas o certo é que o X d'este iatricado problema da humana ventura, alvo das cogitações dos mais profundos pensadores, foi encontrado pelo Jójoca nas chaves e na palheta d'aquelle fanhoso instrumento.

A's terças, quintas e sabbados, o J. J. S. S. é o homem [mais ditoo d'este arredado] orbe, porque terá á noite concerto de piano e clarineta em casa de uns parentea, moradores na descomhecida rua do Brocoto, situada em um dos recantos mais obscuros da cidade.

Nos dias de concerto o Jójoca copia as minutas dos officios de sua repartição com febril impaciencia, prelibando o regalo que o aguarda á noite.

De vez em quando, insensivelmente, pega da regua com que se serve, leva á bocca uma das pontas e com as mãos dedilha umaa variações.

Mas se algum collega o aurrepñende nesta attitude, elle cora até á raiz dos cabellos.

A paixão do Jójoca pela clarineta é uma paixão concentrada, discreta, silenciosa, e por isso mesmo grande e séria.

Envolve-a em certo mysterio de veneração, receioso talvez de que o mundo, com a sua maldade, venha perturbar o seu innocente gozo.

Os emigos conhecem-n'a por a terem adivinhado, não que elle a confessasse.

Mesmo quando algum intimo o interpellá a este respeito, ou faz o elogio da clarineta, o Jójoca responde com area encalistrados e dissimulados:

— Sim, não é mau iastrumeato, eu estou aprendendo, mas ainda toco mal...

N'este ultimo ponto o J. J. S. S. tambem meate.

Elle não toca mal, toca horriavelmente.

Ha oito annos que põe em campo toda a sua intelligencia e força de voatada para tirar do caro instrumento sons puros, aviaivosos e avelindados.

Em vão!

Oa guiachos multiplicam-se, o Jójoca desespera-se, chora; maa nem por isso ama meaos a clarineta, com o terao e

resignado amor de uma mãe por filho impertinente e malcriado.

Dissemos que o Jojoca é melgo por indole, humilde por vocação, resignado e bondoso por natureza.

E é verdade. Os aborrecimentos e contrariedades que, tanto irritam aos outros homens, só conseguem provocar-lhe um sorriso doce e triste.

De hora em hora Deus melhora—é sua maxima favorita.

Contanto que lhe não falem a clarineta e a prima Eulalia, da rua do Brocoto, a vidn lhe é agradável.

Só tres cousas o fazem soffrer :

A primeira é uma carta anonyma que recebera ultimamente, e onde se o intimava a acabar com os seus desconcertos de clarineta, que perturbavam o somno da vialhinça.

Jojoca intimidou-se com a ameaça, e de accordo com a sua socia musical, resolveu fechar portas e janellas quando tocassem.

A segunda é outra carta calumniosa em que lhe attribuiam más intenções a respeito da prima Eulalia, cuja fealdade exemplar deveria aliás afastar todas as suspeitas. O opistolographo anonymo fazia-lhe sentir que o pae de D. Eulalia já desconfiava da tramaioia, e da dar providencias sobre o caso.

O pobre do Jojoca estremeceu de horror ante tanta perversidade maldizente, e ainda mais quando notou que seu tio o tractava ultimamente com certa reserva austera e mudamente exprobradora.

O Deus! tudo conspirava contra os seus queridos concertos!

Como convenceo-o de que a sua paixão era pela clarineta e não pela Eulalia? E o pobre rapaz afogava-se em ondas de melancolia.

O outro motivo que o magôa é a saudade de uma irmã hem amada, morta prematuramente ha uns oito annos; n — lagartizinha — ( assim a appellidavam as faladeiras, em razão da sua magreza. Ern o retrato vivo do irmão; era o Jojoca de saias. Bastava que perante este fosse pronunciado o seu nome adorado para que se lhe nrrassem os olhos de lagrymas. Todos os mmos mandava dizer uma missa por sua alma e depositava em sua campa uma corôa da saudades.

Mas estes pezares eram tranitorios. O Jojoca esquecin-os pela clarineta; e quando estava junto de D. Eulalia, com o bico prendendo a palheta, vermelho como lacre, injectadas as veias do pescoco, suando em bicas, portas e janellas cerradas, o Jojoca sentia o coração expandir-se-lhe em ondas ineflavéis do maie puro jubilo.

Tinha razão o francez que disse: — *le bonheur d'un homme tient dans le creux de sa main.*

Mas esqueceu-se de acrescentar que a felicidade neste mundo depende não somente das aspirações limitadas, mas tambem da honestidade de intenções, da bondade do coração, da indole unansa, da boa fé, do cumprimento dos deveres; e sobretudo de certa ingenuidade incurável, que a experiencia e as decepções não logram destruir, e que é alvo da chacota, justamente d'aquelles que mais deveriam invejala.

Que o diga o Jojoca.

URBANO DUARTE

Notas Philologicas

A's pessoas que estudam a grammatica historica das linguas romanas é familiar o exemplo curioso da apherese no vocabulo francez *anspessade*, em portuguez *anspeçada*. Esse vocabulo veiu do italiano *lanzia spezzata* (lança quebrada). Os francezes transcreveram-o sem duvida pela forma *lanspezzade*; mais tarde, a ignorancia popular, suppondo alli a existenciã d'um artigo (*lanspezzade*) produziu a queda do *l* e creou a forma, hoje unica, *anspessade*.

Couisa semelhante aconteceu em nossa lingua, porém com mais inesperada complicação.

No sentido da evolução historica o portuguez conta duas sortes de artigos: *lo, la e o, a*. Os ultimos sobreviveram aos primeiros.

Para mim, a melhor explicação da apherese do *o* e *a* iniciaes está no facto muito frequente do esquecimento etymologico e seguinte confusão d'aquellas letras com os artigos ainda vigentes. O povo diz não raro: um *fiscal de justiça*, por suppor que *o* e *o* de *official* é um elemento separavel, um artigo.

Só por analogo criterio se acha a solução razoavel das perdas amudadas do *o* e *a* iniciaes. Exemplos: *bodega* e *botica* em vez de *abodega*, *abotica* (latim *apotheca*); *bitacula* em vez de *abitacula* (*habitacula* no latim) e *pestema* em vez de *apostema*. Em relação ao artigo masculino, registremos: a forma *bispo*, talvez *obispo*, como ainda o é no castelhano, do latim *episcopus*; a forma antiga e masculina *cajom* em vez de *ocajom*, derivada de *ocasionem*; e outras contestaveis, como *relogio*, de *orologio*.

A outra face do problema, naturalmente, contempla e especula sobre o caso dos artigos archaizados: *lo, la*, etc.

O vocabulo *eiva*, em meu conceito, soffreu transformação analogã ás já mencionadas. *Eiva*, ao que me parece, deriva de *labem* (1), e é forma divergente em relação a *laivo*; *eiva* de corrupção, *laivo* de corrupção.

A forma antiga deveria ser *leiva*, mas como já existia o homonymo *leiva*, de *gleba*, efficitou-se a desaparicao da letra inicial que se confundia com o artigo (*leiva*).

O vocabulo *onça*, com o significado de animal, tambem passou pela mesma injuria. Veiu do italiano *lonza* (*lincem*, lat.) e, devendo ser transcripta na forma *lonça*, perdeu o *l* inicial (*lonça*) por se suppor erroneamente que era o artigo.

A cultura philologica está hoje tão vulgarisada que a ninguém é fazer bons officios entrar em minuciosidades que não illustram e antes fatigam o animo. Assim, deixo de citar, quando occorrem as formas etymologicas, as leis phoneticas que possibilitam ou auctorizam a derivação.

JOÃO RIBEIRO.

(1) Deve-se admittir o especimen *labiam*, similar a *rabiam*, de *rabiem*.

A BORBOLETA

Xavier de Maistre

A LAURINDO PITTA

Bello emigrante do ar,  
Deslumbrante borboleta,  
Como é que a tua aza inquieta  
N'esta prisão fez-te entrar?  
Vê que horrivel soledade:  
Minha masmorra sombria,  
Aonde, apenas, do dia  
Um raio atravessa a grade.

A partilhar taes horrores  
Enviou-te a compaixão:  
Deo-te talvez coração  
Sensivel a humanas dores?  
E o vér-te quasi as mitiga,  
Como que a alma descansa:  
E que tu trazes a esperança,  
E que sinto em ti uma amiga.

Lindo ornato da Natura,  
Conta-me tudo o que viste,  
Diz-me se o Bello inda existe:  
O lago, a flor, a verdura.  
Fala-me da libertade,  
Do harulho das torrentes,  
Que aos meos ouvidos dormentes  
Traz-me o echo da sandade.

Conta-me os risos de Flora,  
A historia da primavera,  
Ai! ser quem és quem me dora:  
Dá-me noticias da anhora,  
Do mar, da estrella, do sol...  
Quaes eram, quass, os trinares  
Que desferia, ao passares,  
Nos bosques o rouxinol?

Na mansão da desventura  
Ai! não procures as flores,  
Aqui de penas, de dores  
E' tudo viva pintura.  
Longe do sol e dos ventos,  
Entre estas muralhas feias,  
Voarás sobre cadeias,  
So has de ouvir ais, lamentos.

Parte, pois, filha do ar,  
Abandona esta prisão,  
Só vives uma estação:  
Vae onde a possas gozar,  
Ah! foge dos ferreos laços,  
Emquanto aqui preso, fixo,  
Temo, vò a ao teu capricho,  
Tens por carcereos espaços.

Vae, talvez pelos caminhos  
Kontraes duas crianças,  
Ah! tenta ver se as alcanças  
Voando através dos ninhos;  
E a mãe, que as ha de guiar,  
Diz-lhe que ainda respiro,  
Que só por ella suspiro,  
Mas ai! não podes falar!...

tentada, então, teos primores,  
Aos olhos das criancinhas,  
Hão de querer as louquinhas  
Seguir-te por entre as flores;  
Busca enganar-as então,  
De ramo em ramo fugindo  
Vem assim as attrahindo  
Até... á minha prisão.

Com ellas virá de certo  
A triste mãe, coitadinha!  
Voa então alegresinha  
Bem perto dos tres, bem perto  
D'este pobre prisioneiro  
Ai! são a ultima esperança,  
E a infancia as vezes alcança  
Comover um carcereiro.

Filhos, esposa, outra vez,  
A todos verão meus olhos,  
Esses medonhos ferrolhos  
Abrir-se-lhes-hão talvez!...  
Mas, oh! ceos, cessem sonhares,  
Dos ferros o ruido soa,  
Foge a horboleta... vò,  
Ei-la perdida nos ares!

AFFONSO PEIXOTO.

S. F. 18—Outubro 96.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Na cidade de Pelotas foi proposto um torneio poetico tendo por objecto um soneto glozando o seguinte verso de Camões:

« Ao longo d'agua o niveo cysne canta. »

Appareceram seis concorrentes. Os seus res ectivos sonetos vão ser julgados pelos Srs. Dr. Affonso Celso Junior, Machado de Assis e Valentim Magalhães.

Publicaremos em tempo o que for julgado vencedor.

Do *Gil Blas* de 26 do passado:  
« O doutor F. teve hontem uma visita inesperada. Levaram-lhe um soberbo cão negro que engulira uma nota de mil francos. Como reavel-a? O dr. F. é certamente um especialista mas aquelle caso era excepcional... »

Emfim, depois de ligeiro exame, resolveu-se quanto ao meio a empregar para obter-se a reatificação e recebeu agua de Lourdes. Certamente não me acreditareis, mas a verdade é que o bello animal depois do segundo copo reabsorbou o dolo da nota engulida. »

A moda dos almoços ao domingo, em Pariz, que o principe e a princeza de Brancovau iniciaram, começa a ter imitadores. O domingo é um dia em que os politicos, os escriptores e os jornalistas estão livres dos seus affazeres. Reunir um certo numero de amigos no veloz de uma mesa agradável e hospitaleira; passar em revista os acontecimentos da semana que findou e conversar sobre aquelles que provavelmente se realizarão na semana proxima e o unico fito d'estes deliciosos almoços. Apes o menu, faz-se um pouco de musica, ouve-se algum artista celebre ou al. um amador, cujo talento rivalize com o dos principaes artistas, tem-se o prazer de leitura de alguma obra litteraria inedita, perpetuam-se em conversas as tradições de espirito e de bom tom que por muito tempo fizeram a honra dos salões parizienzes; é realmente uma cousa deliciosa e encantadora. Entre as pessoas que imitam, em Pariz, esta idéa do principe e da princeza de Brancovau contam-se o barão e a baroneza de Vinont e Mme. Benardaki, e não raro é encontrar-se nestes salões com algumas pessoas notaveis, como: Coppée, Massenet, Delibes, Madeleine Lemaire, os irmãos Reské, Gounod, Alexandre Dumas e outros.

Francamente—um almoço desses sempre ha de ser um pouco melhor que o de *Renaissance*.

PASSEPARPOUT

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Esteve brillantissimo o sarão dramatico-dança realizado em 19 do corrente no Atheneu Dramatico Esther do Carvalho, em comemoração ao 3º anniversario da fundação da mesma sociedade.

Constitou a parte dramatica da comedia *Atraz de um colcho*, da poesia de Guern Jnnqueiro — *O Fiel*, da scenica *O sachtistão politico* e a comedia *A mulher-homem*. Os distinctos amadores que compoem o grupo artistico do Atheneu muito se distinguiram no desempenho do programma, sendo por isso dignos dos applausos com que o auditorio os galardou.

Seguiu-se a parte dançante que se conservou animadissima até adiantada hora da noite e na qual tomaram parte cerca de cem pares.

Uma lauta ceia servio de *trait-d'union* ás duas partes de que se compoz o festival, sendo grande o numero de brindes que se levantaram aos fundadores da sympathica associação, á directoria e aos representantes da imprensa.

LORGYN ON

OS NOSSOS ESCRIPTORES

JOSÉ DO PATROCÍNIO — Jornalista preclaro. Escreve molhando a penna ora no figado ora no coração. Dahi saem os seus artigos amarellou e rubros e haver nelles gritos, lagrimas e desamoros.

URBANO DUARTE — Meio capitão, meio philosopho. Litterato militarizado, militar alitterado. Vê hem e longe com dois olhos que ninguém vê.

VALENTIM MAGALHÃES — Salada de fructos litteraria com assucar e pimenta do reino. Faz contos, versos, discursos, comédias, critica, lecciona, advoga, jornalista, e não engorda nem barba.

QUINTINO BOCAIYVA — Principe do journalismo empalado na sua proficiencia.

Usa luva que não calça e um leque com que nunca se abana,

JOAQUIM SERRA—Serrate da imprensa (o que os francezes chamam *seie*) reallejo de primeira qualidade moendo com a mesma voz toda a dias, ha trinta annos, a mesma polka: *Libernas e conservadores*.

ALFREDO DE SOOZA—Palito melodioso, de cartola, com que Apello marca no Pindo a lição ás Musas e espeta as auroras que almoça.

OLAVO BILAC—Sujeito feio como o peccado, mas poeta como Banville.

ALFREDO CAMARATE—Figura obrigada a camarote, maestro *in partibus* e auctor inédito de varias obras, das quaes o *Etc.* será a primeira a apparecer, se não ficar com as companheiras—no tinteiro.

(Continúa.)

JOÃO NINGUEM.

## PARAISO TERRESTRE

Que paraíso! Vê: flores odoras  
Pendem gentis dos engranzados ramos,  
Onde triam bizzaros gaturamos,  
E pulam tiês mais rubros do que amoras.

Quasi imitando as perolas que choras,  
Brilham gottas de orvalho... O' deusa, vamos  
Ver se um insecto azul aprizionamos...  
Ouves?—Orchestrás, vibrações sonoras...

Abre o sol leques de oiro na vertente,  
Que ronca, a se arrastar no serro liso,  
Como uma enorme e rutila serpente.

E, alem do mais, abre-se o teu sorriso,  
Que é nu sol sob outro sol: que é, finalmente  
—*Un paradiso in mezzo al paradiso.*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## THEATROS

PHENIX DRAMATICA

Representou-se ante-hontem, pela primeira vez, e em recita de auctores, o novo acto *Desmancha-se a differença*, appendice á tão discutida revista burlesca *Ha alguma differença?*

E' uma represalia sem injuria; por isso não offende e tem graça.

A apothose final representa o Pantheon das glorias da litteratura brasileira, destacando-se os vultos de Penna, Magalhães, José de Alencar, Porto-Alegre etc, que trazem escudos com os nomes das peças por elles escriptas e que mais applaudidas têm sido.

Todas as revistas até hoje representadas nesta córte têm uma allegoria no novo acto da *Differença*: o scenario, do Sr. Orestes Coliva, e a musica, do Sr. Mazarino Lima, agradaram muito, sendo que a *misc-en-scene* é, em geral, de grande effeito.

No desempenho distinguiram-se Julia de Lima (*A Posteridade*), Maria Augusta (*A Jota*), Galvão, Pestana, Lisboa, sendo os auctores e actores chamados á scena muitas vezes e felicitados com muitos applausos.

A peça repete-se hoje e amanhã.

Neste theatro faz beneficio, a 20 do proximo mez, o estimado actor l'axeira. Uma das novidades do espectáculo será uma scena comica, escripta expressamente para o beneficiado, pelo Sr. Augusto Fabregas.

PRINCIPE IMPERIAL

Emquanto o *Zé Caipora* descança, dá-nos a empresa d'este theatro *Os Mi-*

lagres de Santo Antonio em 1008.<sup>a</sup> edição. Oxalá que os *Milagres* não venham fazer alguma differença da felicidade do *Zé* e que os coros, em vez do « As donzellas da cidade Hoje vêm ao seu senhor » não cantem «Sinhá!... minha sinhá!... Arredondo, sinhá!...»

RECREIO DRAMATICO

Realisou-se hontem, com grande concurrecia de espectadores, a 100.<sup>a</sup> representação do drama *O Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas. O scenario é inteiramente novo, sendo alguns dos quadros verdadeiramente deslumbrantes.

Falta-nos o espaço preciso para darmos noticia mais circunstanciada d'este acontecimento theatral, o que faremos no proximo numero.

Por ora limitamo-nos a felicitar o Dias Braga e seus companheiros de trabalho pela celebração d'este centenario.

P. TALMA.

## TRATOS Á BOLA

Amabilissimos tratologos:

No mundo anda tudo torto,  
Tudo morto,  
Tudo, tudo molle, chôcho,  
Tudo frouxo!  
Do pobre as entranhas rasga,  
Fome vesga,  
Como fsga!  
De carne não nos engasga  
Nem mais nesga!  
So ha disga!

Por isso é que vós, tratistas,  
Charadistas  
De primeira qualidade,  
Não mattasteis, que maldade!  
Os ultimos *tratos* meus.  
So, meu Deus!  
Pépe o valente cá veio.  
Guardo para elle no meio  
De umas cousas de valia  
O premio. (Venha de dia  
Senhor Pépe rebel-o-.)  
E ha de ficar satisfeito  
Pépe, Pépe, do meu peito,  
Com possu-lo, com té-lo.

Agora deen-me atensões  
Que aqui'stão as decifrações:

*Dhalia, Falú, Capadocio, Pavida,  
Careca, Illustrado, Zebedeu, Leitura.*  
E para hoje minha grey impavida  
Dou estes *tratos* de gentil figura:

NOVISSIMAS

- 1—A flor e a flor é uma moeda. 1—3.
- 2—A vogal é de muito prego na mythologia. 1—2.
- 3—O homem da platéa é uma cidade.

K. Rioca.

ANTIGAS

- I  
Foi no livro, pois não foi?—2.  
Que uma vez unido vi—1  
Este som que escuto aqui—1  
Co'este bicho (mas não boi).
- II

São feitas prima e segunda  
Pela terciã e derradeira  
E ellas todas após juntas,  
Foram terciã e derradeira.

ENYGMA

Tem o todo só tres letras  
Mas se a quinta se tirar,  
Ficará logo assombrado  
Pois só uma has de encontrar.

Conceito

E' muito simples o enygma  
Dispensa mesmo apparato:  
A's avessas purgativo,  
A's direitas litterato.

Quem primeiro metter o seu donte  
Nas tratices que aqui deixo escriptas,  
Ganhará scintillante presente:  
Um livrinho do joias bonitas.  
Meus irmãos, é dar tratos á bola;  
Aguçar vossas luzes o vistas!  
Ha mil sóus em a vossa cachola.  
Oh tratistas! tratistas! tratistas!

FREI ANTONIO.

## FACTOS E NOTICIAS

Na galeria Moncada está exposto um quadro a aquarella, trabalho do distincto amator Sr. Morand, e que vaeser offerecido ao Sr. Fertim, piauísta, por occasião do concerto que este seuor pretende realizar.

O Dr. Castro Lopes, distincto litterato e homem de sciencia, acaba de ser distinguido com o diploma de socio honorario pela sociedade *Northwestern Literary and Historical* na cidade do Sioux em Iowa.

A mesma asociação pedio-lhe por carta o seu retrato para figurar na sua importante galeria.

Nossos parabens.

Vimos hontem, na agencia Commercial Portugueza, de que e proprietario o Sr. Lourenço Marques de Almeida, alguns specimens da acreditada photographia Biel, João Porto. Destacam-se, d'entre elles, as ampliações photographicas dos retratos de Brito Capello, Roberto Ivens, L. d'Almeida e o de uma criança. São, na verdade, dignos de nota, pela excellente execução artistica, esses bellos trabalhos, aos quaes se agrupam boas photographias de notabilidades portuguezas, quer na politica quer nas letras, e duas bellas *cartes* com retratos, em ponto grande, de uma cantora com o costume da *Carmen*, de Bizet.

Pode-se, pois, considerar verdadeiramente artistica a photographia das Srs. Biel & C.

GREMIO DE LETRAS E ARTES

Realisou-se ante-hontem a segunda sessão litteraria, lendo os Srs. Olavo Bilac e Aluizio Azevedo aos numerosos consocios presentes o drama *Triboulet*, traducção em verso que fizeram do *Le roi s'amuse*.

Foram applaudidissimos.

Daremos proximamente um trecho desse importante trabalho e em tempo opportuno o apreciaremos como merece.

FOLHINHAS E ALMANAKS

Temos um exemplar do *New-York Almanac* para este anno, que nos foi offerecido pelo Sr. Kinsman Benjamin. Alem de indicações proprias d'este genero de publicações, contem o *New-York Almanac* escolhidos trabalhos litterarios, onde figuram poesias de Longfellow, Cornwell e outros escriptores. Abrihanta-o tambem uma collecção de bellissimas gravuras.

O *New-York Almanac* é publicado como meio de propagação pela importante *New-York Life Insurance Company*. Agradecemos.

A distincta professora D. Amelia Anais da Silva Costa realisa hoje, com suas discipulas, um bello concerto vocal e instrumental.

Para elle fomos distinguidos com um convite, que agradecemos á gentil senhora.

O acreditado Collegio Internacional dirigido pelo Sr. E. Gambaro acaba de mudar-se do palacete do Curvello, em Santa Theresã, para o grande predio da rua de S. Christovão n. 121.

Pelo programma do ensino ali ministrado, e que os nossos leitores poderão conhecer pelo annuncio que hoje inserimos, não deixamos de recommendar este estabelecimento de educação como

um dos mais caprichosamente montados que actualmente funcionam nesta córte.

Recommendamo-l'o, pois, de novo aos Srs. paes de familia.

DR. AFFONSO PEIXOTO

E' com profunda inagua que registramos o passamento do Dr. Affonso Peixoto, filho do illustrado e recto magistrado Bnrão de S. Domingos.

Era formado em direito pela faculdade de S. Paulo onde se distinguio e fez estimar pela sua intelligencia e bondade d'alma.

Sempre adoentado, de constituição fraca, foi-lhe sempre a vida penosa e não ponde dar á sua familia e aos seus amigos o muito que tinham a esperar dos seus dotes intellectuaes.

O Dr. Affonso Peixoto tambem privava com as Musas, em horas de ocio e recolhimento, mas a sua grande modestia e invencivel acanhamento condemnaram á obscuridade da gaveta os seus versos que eram simples, mas sentidos e facéis.

Ultimamente havia-nos remettido um seu amigo uma traducção de Xavier de Maistre. Publicamo-la hoje, lamentando que com ella appareça tambem nesta folha a noticia do passamento do autor destas harmoniosas estrophes.

A Exma. familia do inditoso e distincto moço—pezames sinceros.

## CORREIO DA GERENCIA

Sr. Honorato de Oliveira. S. Paulo, Enviando-nos V. S. 10\$000 rs. ficará quiete até 31 do corrente mez.

Sr. H. Pinho.—S. Paulo.—A differença é pequena: desmancha-se, enviando-nos V. S. 1\$500.

## RECEBEMOS

—Estatutos, relatório e mais documentos constitutivos da companhia *Agricultura Colonizadora de Padua*.

—*Desfalque da Thezouraria da Fazenda de Pernambuco*.

—Officio com que o presidente de Pernambuco entregou a administração ao vice presidente Dr. Souza Leão e *Relatório* apresentado por este ao presidente da mesma provincia.

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DA

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

Obras em publicação por fasciculos: **O D. Quichote de La Mancha**, por D. Miguel Cervantes Saavedra. Fasciculo de 8 paginas, em excelente papel, meio cartão com gravura de pagina, por Gustavo Doré a 400 réis.

**Os Miseraveis** por Victor Hugo. Edição illustrada com 100 gravuras. Fasciculos de 32 paginas a 500 réis.

**Os Heroes do Trabalho** por Gastão Tissandier. Fasciculos de 20 paginas com uma gravura a 500 rs.

**Historia da Revolução Franca** por A. Thiers. Edição illustrada. Fasciculos de 24 paginas a 500 rs.

**O Anno Christão**. Exercicios Devotos para todos os dias do anno, pelo Padre João Croiset. Fasciculos de 40 paginas com 6 gravuras grandes a 500 rs.

**O Ultimo Beijo**. Romance illustrado, por D. Enrique Peres Escrich. Fasciculo de 48 paginas a 200 rs.

**A Biblia Sagrada**, grande edição de luxo, com espiendidas gravuras sob desenho de Gustavo Doré. Todas as paginas ornadas com finissimas chromo-lithographias. Fasciculos de 12 paginas, com uma gravura tirada á parte em papel especial, 800 rs.

Recebem-se tambem assignaturas para *O Occidente* revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. Publica-se

3 vezes por mez. Preço da assignatura por anno: Corte 18\$500. Provincias (franco de porte) 18\$000.

**A Voz do Christão.** Publicação mensal. Assignatura por anno (franco de porte) 8\$000.

**Revista de Educação e Ensino.** Publicação mensal. Assignatura por anno (franco de porte) 8\$000.

E para todas as demais publicações litterarias, scientificas, artisticas, industriaes e politicas, que se publicam no Brazil e Portugal.

N. B.—Nesta casa se encontra uma variedade de obras de que se entrega gratuitamente catalogos.

**ANNUNCIOS**

**O Advogado Dr. Valentim Magalhães** é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

**Dr. Netto Machado** (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

**Dr. Henrique de Sá,** especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro do Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

**Imperial Fabrica de Cerveja** e aguas mineres—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

**Constructores de machinas** e aparelhos para lavourn—Schubert irmãos, Ilnas & C.—Juiz de Fora.

**O cebrador Bornado da Silva Brandão Junior** continúa a receber cohranças por porcentagem razoavel. Cidadão do Ouro Fino, Minas.

**Pharmacia Americana** de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F Leopoldina. Minas.

**Correia da Silva & C.** é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

**Hotel das Familias** dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

**«O Municipal»**—Redacção: Da. FORTUNATO MOREIRA E L. de TOLEDO —Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

**Advogado**—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

**Dr. Araujo Filho**—Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, nº. 36

**Julie Cezar Tavares Paes** encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

**O Hotel Derby,** na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com aceio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramacções.

**Dr. Cyro de Azevedo.**—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

**Advogado.**—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª de Março n. 23.

**Relojoeiro**—Alfredo Cesar da Silveira—Rua do S. José a. 51—Em frente á rua da Quitanda.

**Photographe**—Hygino Lopes—Barbacena.

**Lindolphe Celmbra**—Bncharrel em bellas artes: photographio, chimico e oleographo. Rua de Santo Aatoaio—Santos.

**Augusto Luzo.**—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

**Solicitador**—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

**F. Navarro de M. Salles**—encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambiabo—Minas.

**GRANDE FABRICA DE FLORES**

RUA DO PASSEIO, 38

**RIBEIRO DE CARVALHO & C.**

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, nssim como

GRINALDAS PARA ESTERROS

REPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeadas, que são executadas com a maior promptidão, smero e modicidade de preços.

**Dr. João Botelho,** medico e operador; molestias venercas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

**Instrução Primaria e Secundaria**

PIANO E CANTO

**D. Maria José de Albuquerque Camara**

Tem aiada algumas horas dispoaveis para o easiao d'aquellas materias.

DECAROS NESTE ESCRITORIO

**EMULSÃO**

DE

**SCOTT**

DE OLEO PURO DE

**FIGADO DE BACALHÃO**

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simplee de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor ngradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituíntes dos hydrophosphitos. A venda nas drogarias e boticas.

**ORIENTE**

É geralmente conhecido como uma especialidade no seu gencro o **Café Oriente**, da fabrica a vapor de Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

**25 RUA DA PRAINHA 25**  
**9 C LARGO DO ROSARIO 9 C**

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—anuncio.

**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

**E. GAMBARO**

**121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121**

O Collegio Internacional, fundado ha poucos annos no Rio de Jaeiro, exercendo o sacerdocio da iastrucção e da educação da mocidade, tem firmando o seu credito pelos esplendidos resultados que tem alcançado nos exames geraes de preparatorios. Dispõe de um corpo docente que lhe é particular. O methodo seguido é o mais em uso hoje nos principais collegios da Europa, isto é, o easiao theorico-pratico das linguas vivas desde as primeiras lettras.

O edificio para o qual se mudou o Collegio Internacional, possui grandes salas para dormitorios e aulas, bons banheiros, immensa chacara para recreio, e finalmente todas as commodidades e condições hygienicas que requer um estabelecimento de primeira ordem.

O ensino se preenche com dois cursos: o PRIMARIO e o SECUNDARIO.

O PRIMARIO divide-se em duas series, especinlmente a cargo do Director e do Vice-Director, auxiliados por provecctos professores.

**1ª Serie:**—Leitura corrente, calculo mental, lições de cousas, palestras sobre geographia, coaversação franceza, calligraphia inicial, gymnastica e manobras.

**2ª Serie:**—Religião (ad libitum), leitura aperfeiçoada, noções de grammatica portugueza e franceza, conversação iagleza, historia e geographia do Brazil, noções de geometria e de desenho, calculos, calligraphia, lições de cousas, gymnaastica, maaobras e musica.

O Curso SECUNDARIO se subdivide em **Litterario** e **Commercial**.

**A—O Litterario** comprehende todas as materias cujos exames são exigidos para a matricula em qualquer curso superior estabelecido ao Imperio.

**B—O Commercial** compõe-se das seguintes materias: portuguez, fraacez, inglez (theorico-pratico), escripturação mercantil, aritbmetica, historia, geographia e noções de direito mercantil.

As pensões trimensaes são:

<b>Internos</b> —Join de entrada.....	30\$000	<b>Meios pensionistas</b> .....	90\$000
Pensão.....	150\$000	<b>Externos</b> —Curso primario.....	30\$000
Lavagem de roupa (ad libitum)....	24\$000	Idem secuadario.....	60\$000
Fornecimento escolar.....	10\$000		

A pensão só começa no dia em que o alumno é matriculado. Para informações o Director foraeccerá aos interessados uma lista dos paes dos alumnos que tem frequentado o Collegio desde a sua fundação. O Director, não tendo occupação fora do Collegio, será eacoatrado a qualquer bora dia.

## DEPOSITO E OFFICINA DE PIANOS

DE

Alfredo Fertin de Vasconcellos, professor de piano

Pianos novos de Pleyel, Erard, H. Herz, Bord, Gaveau, etc. Compra, troca  
vende em segunda mão.

AFINAÇÕES E CONCERTOS GARANTIDOS

BOM SORTIMENTO DE PIANOS PARA ALUGAR

25 RUA DO CARMO 25

RIO DE JANEIRO

## A NACIONAL

CARLOS MORAES & C.  
66, RUA DA URUGUAYANA, 66

GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

**INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**

## GRANDE LOTERIA

DA

**PROVINCIA DE PERNAMBUCO**

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante  
loteria para o dia**14 DE MAIO DE 1887**

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio  
Segundo sorteio.  
Terceiro sorteio.100:000\$000  
200:000\$000  
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BLHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSIMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção  
será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso  
que tem apparecido no Rio de Janeiro.Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independen-  
te dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS A

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.